

# Uma retrospectiva em 20 imagens: a representação do governo Dilma pelo site G1

**André Melo Mendes**

Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Comunicação, Belo Horizonte, MG, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0525-8978>

**Carlos Magno Camargos Mendonça**

Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte, MG, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4883-3410>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a síntese do governo Dilma disponibilizada pelo portal de notícias da Globo - G1, a partir de 31 de agosto de 2016. Ao estudar essa retrospectiva não nos limitamos a compreender o seu sentido formal ou estrutural, mas também nos concentramos em detectar as estratégias narrativas propostas pelo site a fim de entender melhor os sentidos em disputa, bem como as complexas relações de poder que fazem parte dessa disputa. Para dar suporte às nossas análises utilizamos um método baseado nas proposições de Erwin Panofsky que incorpora, de acordo com as proposições de Roland Barthes, o estudo das legendas e dos títulos associados às imagens selecionadas. Para refletir sobre os resultados encontrados, convocamos os conceitos de Acontecimento, desenvolvido por Louis Quéré, e de Enquadramento, proposto por Erwin Goffman; junto às noções de Discurso e Verdade advindos da obra de Michel Foucault; além das ideias sobre a fotografia em Alan Sekula, Roland Barthes e Susan Sontag.

## Palavras-chave

Dilma; enquadramento; impeachment; retrospectiva

## 1 Introdução

O ano de 2014 tinha tudo para ser de comemoração para o Partido dos Trabalhadores (PT) depois que Dilma Rousseff foi reeleita, derrotando o senador Aécio Neves, do Partido da

Social-Democracia Brasileira (PSDB), confirmando assim a hegemonia do pensamento progressista na condução do Estado brasileiro.

Sua eleição marcou a quarta vitória seguida de um candidato do Partido dos Trabalhadores sobre seu maior rival político, o PSDB, garantindo ao PT mais quatro anos no comando do país. Após essa eleição disputada, o país ficou dividido politicamente, com a formação de dois grupos distintos e antagônicos, contra e a favor do governo de Dilma Rousseff. Essa divisão, que se tornou evidente nas redes sociais, ganhou as ruas e também o Congresso Nacional.

A crise política do seu governo se agravou com a aprovação do processo de impeachment na Câmara dos Deputados, em 17 de abril de 2016, sendo posteriormente confirmada, no Senado, em 31 de agosto do mesmo ano, resultando na destituição da ex-presidente e a nomeação do seu vice-presidente, Michel Temer (PMDB).

O impeachment de Dilma Rousseff está longe de ser um acontecimento sobre o qual há um consenso estável na sociedade brasileira. A disputa pela definição dos sentidos sobre esse evento permanece não apenas porque a sociedade manteve-se dividida entre duas versões distintas, mas também porque, nos últimos anos, novos eventos têm obrigado a uma revisão crítica desse acontecimento.

Em julho de 2021, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (STF) e ministro do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, declarou que o impeachment de Dilma se deu por razões unicamente políticas (CARTA CAPITAL, 2021), confirmando essa afirmação em um artigo publicado em 2022 na revista do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (PATRIOLINO, 2021).

Esse posicionamento público do ministro, somado à ação do STF que reviu a atuação do ex-juiz Sérgio Moro na Lava Jato, considerando-o suspeito no processo envolvendo o ex-presidente Lula, tem levado à uma revisão não apenas do que significou a Lava Jato, mas também do impeachment da ex-presidente, visto que uma das causas do enfraquecimento político de Dilma está diretamente relacionada às consequências dessa operação, inclusive a prisão de Lula.

Do início do processo de impeachment/golpe até o seu fim, esse acontecimento mobilizou a atenção de toda mídia nacional (e boa parte da mídia internacional), assim como o interesse e as paixões de grande parte da população brasileira. A partir de meados de 2016, quando se tornou evidente que o impeachment/golpe era irreversível, vários meios de comunicação começaram a publicar retrospectivas sobre os seis anos do governo Dilma.

O conteúdo dessas narrativas variou bastante e estabeleceu um conjunto de imagens e textos que sintetizaram os dois mandatos da ex-presidente Dilma Rousseff. Junto a outras narrativas veiculadas por livros, posts e outros meios de comunicação, essas retrospectivas vão ajudar a construir a memória sobre o que ocorreu no Brasil desde o momento em que Dilma Rousseff, a primeira mulher a chegar à presidência do Brasil, iniciou seu mandato até o dia em que foi forçada a deixar o cargo.

Para abordarmos e analisarmos a retrospectiva “Governo de Dilma em 20 fatos” (POLATO; ALVES; SAMPAIO, 2016), convocamos os conceitos de acontecimento, desenvolvido por Louis Quéré, e de enquadramento, proposto por Erwin Goffman; junto às noções de discurso e verdade advindos da obra de Michel Foucault; apoiados pelas ideias sobre a fotografia em Alan Sekula, Roland Barthes e Susan Sontag.

Sob esta angulação, organizamos o texto em sete movimentos. A introdução oferece uma pequena contextualização do fenômeno. Em seguida, apresentamos a apropriação que fazemos das noções de acontecimento e enquadramento. Depois, nos abrigamos sob o arco desenhado por Foucault para pensar a relação entre o jornalismo e a produção de noções de verdade. O quarto item está dedicado à retórica das imagens. A esta altura, está indicado o procedimento metodológico para a leitura analítica das imagens. O quinto movimento situa as retrospectivas do governo Dilma. O sexto apresenta nossa análise, e o sétimo, as considerações.

## 2 Acontecimento e enquadramento

Um acontecimento é um fato que rompe com o estado de normalidade e afeta um ou vários sujeitos, podendo ser relevante tanto para a esfera privada quanto para a esfera pública (QUÉRÉ, 1995). Quando esse acontecimento afeta uma coletividade, ele é considerado um acontecimento público, e é esse tipo de acontecimento que interessa ao jornalismo. Um acontecimento teria uma “vida dupla”, na qual a “primeira vida” seria relacionada à dimensão mais imediata e experiencial desse acontecimento (o momento em que o fato se daria na experiência) sendo posteriormente transformado em discurso e individualizado – o que Quéré (2005) chamou de “segunda vida”. A mídia atuaria no segundo momento, tratando daquilo que Quéré (2005) chamou de acontecimento-objeto: quando o acontecimento é tornado inteligível, sendo enquadrado pelos meios de comunicação ou atores sociais.

Evidentemente, é impossível elaborar e veicular narrativas sobre todos os acontecimentos públicos que ocorrem pelo mundo. Assim, os fatos só ganham visibilidade no espaço midiático da imprensa após passarem por uma série de procedimentos que lhes imputam valores e os classificam por meio dos chamados "critérios de noticiabilidade" (TRAQUINA, 2002; WOLF, 2003).<sup>1</sup>

Tornar o acontecimento compreensível exige individualizá-lo, transformando-o em uma narrativa de fácil intelecção. Com esse objetivo, as reportagens realizam uma simplificação do ocorrido, geralmente, segundo seus interesses, objetivando que a narrativa proposta possa fazer sentido ao leitor (NUNES, 2007). Ao realizar essa síntese, o governo Dilma foi enquadrado pelos diversos meios de comunicação com variados pontos de vista. A narrativa veiculada pelo G1, a partir de critérios de noticiabilidade próprios do grupo Globo, também apresentou a sua versão.

Apesar de originalmente o conceito de enquadramento ter sido usado para microanálises das relações pessoais, ao longo dos anos esse conceito tem sido muito empregado em estudos de comunicação, com uma abordagem direcionada ao conteúdo, particularmente no campo do jornalismo (FRANÇA; SILVA; VAZ, 2014). Adotamos nesse artigo essa forma mais recente de operacionalização do conceito, ou seja, aquela que se interessa pela análise do conteúdo discursivo veiculado nas mídias, concentrando-nos em compreender os modos pelos quais as narrativas usadas por cada jornal enquadraram os fatos que já haviam sido enquadrados anteriormente em uma nova síntese para os seus leitores e os discursos ali veiculados.

As retrospectivas se constituem como objetos privilegiados para as análises que pretendem compreender melhor como são formados os consensos dentro de uma sociedade (BABO-LANÇA, 2005, p. 7). Nas retrospectivas, alguns acontecimentos são destacados e outros esquecidos. Essas escolhas estão relacionadas aos critérios de notícia do meio que as veicula e a valores e discursos que predominam em uma sociedade naquele momento histórico, e contribuem para a compreensão do presente e a constituição da verdade e memória social sobre esse acontecimento; intervindo no futuro à medida que potencializa algumas narrativas em vez de outras.

---

<sup>1</sup> Esses critérios não usam apenas como referência o interesse coletivo, mas também consideram os interesses daqueles que fazem a seleção (NUNES, 2007).

### 3 Verdade

A Teoria do Discurso e concepção de “verdade” de Michel Foucault está de acordo com a tradição kantiana e a ideia central das teorias da linguagem que consideram não ser possível ao ser humano o acesso direto ao real. A impossibilidade do contato direto com o real, a coisa-em-si kantiana, impediria a certeza do acesso à uma verdade única. Nessa perspectiva, o social seria um social significativo, hermenêutico, não sendo possível ser simplesmente desvelado, antes, deve ser compreendido a partir da sua possibilidade de produzir várias e múltiplas verdades. Assim, o real como possibilidade de ser conhecido verdadeiramente é uma impossibilidade e a sociedade como objeto de conhecimento pleno é impossível.

Tal como pensa Foucault, entendemos por “verdade” não o conjunto das coisas verdadeiras a serem descobertas, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder [...] um conjunto de procedimentos reguladores para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2006, p. 13-14). Nesse sentido, consideramos que existem apenas discursos entendidos como verdadeiros: aqueles que estão enquadrados por um Regime de Verdade.

Esse regime de verdade, ou a ordem do discurso, é limitado por aquilo a que Foucault chamou disciplinas, ou seja, métodos e proposições que determinam o que pode (e o que não pode) ser considerado como verdadeiro e que estão à disposição de quem quer (ou pode) servir-se deles (FOUCAULT, 2014).

Os meios de comunicação, assim como a universidade, o exército e a Igreja, entre outras instituições sociais, se constituem em grandes aparelhos políticos e econômicos que contribuem para a difusão da verdade, pois não apenas têm a legitimidade de dizer o que funciona como verdadeiro, como também utilizam de procedimentos reguladores para determinar esse verdadeiro (FOUCAULT, 2006). A “verdade” está então circularmente ligada a sistemas de poder (que a produzem e apoiam por meio de procedimentos reguladores determinados pela Ordem do Discurso) e a efeitos de poder (que ela induz e que a reproduzem). Nesse contexto, o discurso jornalístico se constitui em uma das instâncias que pode contribuir para legitimar ou questionar qualquer discurso.

Cada sociedade produz o seu regime de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros, assim como aqueles que são qualificados como

falsos e aqueles que nem são considerados (FOUCAULT, 2014). Mesmo depois que os consensos sobre um acontecimento adquirem certa estabilidade, isso não impede que o acontecimento continue a sofrer interpretações e inquéritos até que haja uma nova estabilização.

Vale destacar que os meios de comunicação, apesar de se constituírem em atores relevantes para a definição da realidade, contribuindo significativamente para sua construção, não são os únicos atores nesse processo, estando em diálogo (e disputa) permanente com os demais atores sociais que possuem legitimidade para disputar a definição da Ordem do Discurso de uma determinada sociedade.

#### **4 A retórica da imagem**

Neste artigo, consideramos a fotografia um conjunto de signos com sentidos culturais pré-definidos, conectados a outros signos, portanto, um texto visual que é parte do tecido cultural. Qualquer texto em sua função social estabelece, obrigatoriamente, uma função cultural, que não pode ser limitada ao texto suportado na palavra e está presente na história humana desde o início. Isso significa dizer que os sentidos veiculados a esses signos podem variar sua significação no tempo de acordo com o contexto no qual estão inseridos.

Como sintetiza Allan Sekula (2013), a escolha dos signos visuais e a forma como eles são distribuídos em uma composição podem produzir sentidos diferentes daqueles que são considerados convencionais, pois, as fotografias são formadas por “signos que adquirem seu significado ou valor a partir de sua inserção num sistema mais amplo de codificações sociais e culturais” (SEKULA, 2013, p. 388).

Assim, a fotografia é entendida como um texto visual, ligado a uma rede de sentido cultural, temporal e espacialmente definido, e não apenas o produto final de dispositivos técnicos. Nessa perspectiva, os textos (visuais, escritos ou sonoros) são resultado de uma combinação entre signos que adquirem sentido a partir de um contexto, possuindo uma função socializadora, coletivizante, informativa, ética, estética, emotiva e expressiva.

Na análise aqui apresentada percebemos que não foi apenas o texto visual que disponibilizou elementos para a formação de um sentido sobre Dilma e seu governo; os textos escritos que acompanham as fotografias também foram fundamentais para a fixação de um determinado sentido sobre essa retrospectiva e, por isso, foram investigados em suas relações retóricas com as fotografias com as quais estão relacionados.

Tal como destacado por Roland Barthes (1990), o texto escrito é um elemento importante na fixação do sentido de uma imagem, especialmente quando se trata de fotos publicadas em jornais. Essa relevância estaria relacionada ao fato de a imagem ser polissêmica e, portanto, necessitar de controle se o objetivo do veículo de comunicação for evitar que a interpretação do leitor esteja sujeita à arbitrariedade.

Utilizado como fixador da cadeia flutuante de significados do texto visual, o texto escrito pode funcionar como uma espécie de “barreira” que impede a proliferação dos sentidos e conduz o leitor por entre os vários significados da imagem, fazendo com que se desvie de alguns e assimile outros (BARTHES, 1990).

De acordo com essa reflexão, consideramos que seria útil analisar também os principais textos vinculados às imagens sobre a retrospectiva do governo Dilma veiculada pelo portal de notícias G1. Assim, além de nos inspirarmos no método de análise baseado nas proposições de Erwin Panofsky (2002), que considera o último nível da análise vinculado a uma análise sintética, incorporamos também o estudo das legendas e dos títulos associados às imagens selecionadas, de acordo com as proposições de Barthes (1990).

Assim, nas análises aqui realizadas, a síntese interpretativa (último momento) utiliza como base retórica e expressiva as informações e especulações produzidas na fase analítica. Dessa forma, no estudo de cada imagem foram considerados não apenas seus aspectos formais e suas relações com o contexto histórico e com outras imagens da História da Arte, mas também o diálogo com os principais textos aos quais ela está vinculada.

## **5 O governo Dilma sob o enquadramento de algumas retrospectivas**

Apesar de não haver ainda muitos artigos que abordaram a potência significativa política e social das análises retrospectivas, uma boa quantidade de livros sobre o governo Dilma foi produzida com a intenção de sintetizá-lo, a maioria sendo publicada após o impeachment/golpe. Nessas obras, foi possível perceber avaliações bem diversas do governo de Dilma Rousseff. Podemos sintetizá-las em três abordagens.

Jornalistas como Fiúza (2014, 2016) e Araújo (2016) enquadraram Dilma e seu governo de maneira caricatural, na qual ela é qualificada como inepta e inapta. Westin (2017) sublinha a incompetência de Dilma como política, e Bolle (2016) destaca sua incompetência como economista. Nesse grupo, todos afirmam que a dificuldade da ex-presidente em se

relacionar com outros membros do seu próprio governo, da Câmara e do Senado, e também da imprensa, foi um dos motivos da sua queda.

Autores como Freixo e Rodrigues (2016) defendem a ideia de que Dilma foi injustamente afastada do seu cargo, e a maioria dos artigos do livro que organizaram afirma que houve uma armação coordenada por diversos atores políticos relevantes com o objetivo de afastar o PT do poder – alguns artigos também associam as dificuldades enfrentadas por Dilma na condução do seu governo ao fato de ser mulher. Já Souza (2016) acusa os brasileiros de serem incapazes de entender a complexidade do que acontecia no Brasil naquele momento, também compreendendo o impeachment como uma reação da elite dominante ao seu governo. Na visão desses autores, Dilma Rousseff é caracterizada como inimiga da elite dominante e, por essa razão, teria sido vítima de uma articulação de forças retrógradas, com o apoio da grande mídia.

Em um grupo intermediário, encontra-se o trabalho de Almeida (2016), secretário de imprensa do governo Dilma de 2015 até o final do mandato. O jornalista, que conviveu diretamente com a ex-presidente, enquadra Dilma como uma mulher íntegra e resistente, mas com poucos amigos e dificuldade para o diálogo. Singer (2018) e Safatle (2018) também se encontram nesse grupo intermediário, que questiona a legitimidade da deposição de Dilma, mas também faz críticas à sua gestão. Nas suas análises, Safatle (2018) responsabiliza Dilma e seu governo por terem colocado o Brasil na maior crise da sua história, admitindo que “a sequência de escândalos de corrupção não foi uma invenção da imprensa, mas uma prática normal do governo” (SAFATLE, 2018, p. 141). Singer (2018, p. 31) concorda com Safatle (2018) ao afirmar que “o caráter errático desse governo foi a mão que cavou sua própria sepultura”.

## 6 Análises

Lançado em setembro de 2006, o G1 é um portal de notícias mantido pelo Grupo Globo que disponibiliza conteúdo jornalístico produzido pelas diversas empresas que pertencem a ele. A retrospectiva aqui analisada é apresentada no site da forma tradicional, na qual o texto corre de cima para baixo e segue uma ordem cronológica, do início até o fim.

A primeira imagem apresentada é uma foto da posse de Dilma Rousseff em 2011. Essa imagem funciona como marco inicial da retrospectiva, a partir da qual serão apresentadas



verbais adiante: fatos que representam as oscilações entre aprovação e desaprovação que o governo Dilma passou durante seus seis anos de existência.

No que diz respeito ao conjunto imagético que forma o resumo do governo Dilma, com relação ao enquadramento, as fotografias utilizadas na retrospectiva, de um modo geral, podem ser divididas em enquadramentos de planos gerais e planos americanos, intercalados (Figura 2). Essa variação confere uma dinâmica visual à leitura, tornando-a mais interessante ao leitor. Na sua maioria, especialmente nos planos gerais, os textos visuais estão bem enquadrados, demonstrando que além da preocupação com o conteúdo, também houve uma preocupação estética nessa escolha.

**Figura 2** - Os dois tipos de enquadramentos mais utilizados: plano geral (conjunto 1) e plano americano (conjunto 2)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Cada uma das vinte fotografias selecionadas pelo G1 possui título e um texto associado a elas, além da legenda (Figura 3). Algumas possuem textos inseridos dentro delas que estão no próprio cenário (conjuntos 1, 4, 6, 8 a 10, 14 e 15 – o conjunto 1 é um exemplo) e outras têm um texto entre aspas, indicando se tratar de uma citação da pessoa vinculada a ele (os conjuntos 17 e 18 são exemplos – Figura 4). Esse conjunto de textos têm uma função de fixação do sentido da imagem apresentada.

Figura 3 - Estrutura utilizada na produção das unidades de sentido dos conjuntos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 4 - Conjuntos que possuem citações dentro do texto visual

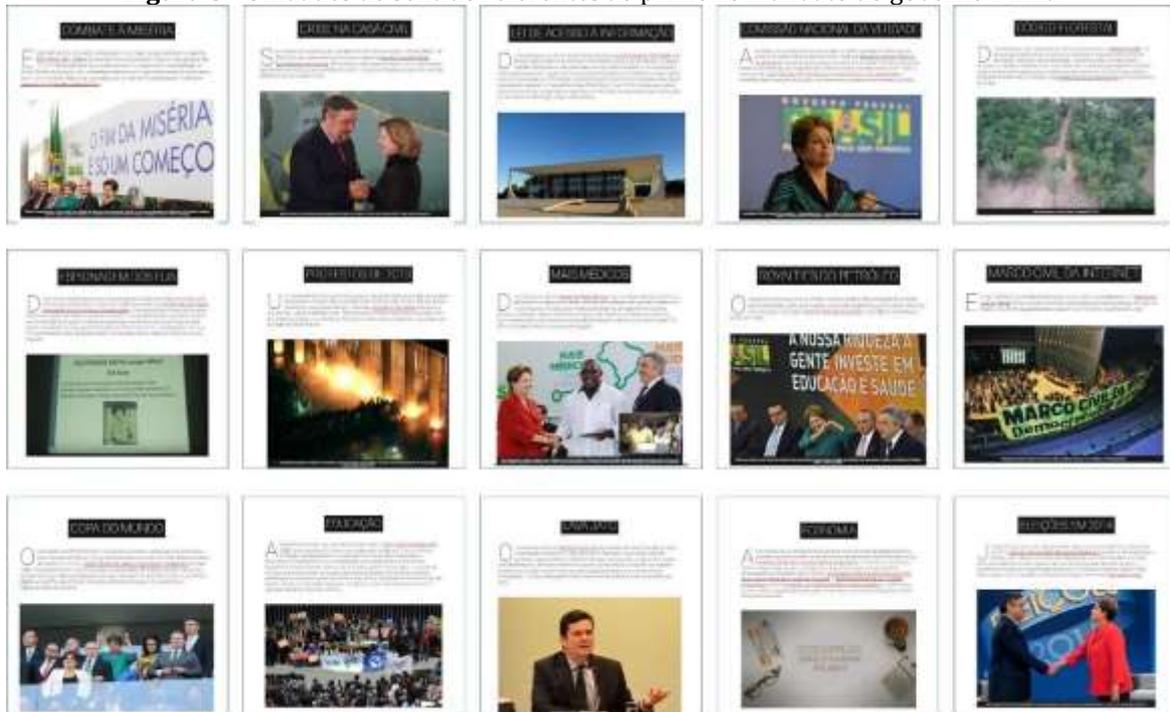


Fonte: Elaborado pelos autores.

Para efeito de análise, consideraremos cada fotografia com seu título e textos associados como uma unidade de significação, um conjunto de imagens e textos (Figura 3). Esses conjuntos foram divididos em dois grupos, de acordo com os dois mandatos e proporção de tempo que cada um durou. O primeiro mandato (2010-2014) diz respeito aos

conjuntos 01 ao 15 (Figura 5) e o segundo mandato (2015-2016) corresponde aos conjuntos restantes (Figura 6).

**Figura 5** - Unidades de sentido referentes ao primeiro mandato do governo Dilma



Fonte: Elaborado pelos autores.

**Figura 6** - Unidades de sentido referentes ao segundo mandato do governo Dilma



Fonte: Elaborado pelos autores.

Inicialmente, cada um desses conjuntos foi analisado individualmente em um quadro bem detalhado, como o segue abaixo (Quadro 1). Como se pode perceber, cada elemento do conjunto também foi analisado individualmente, de forma a identificar seu significado no contexto e, em seguida, procuramos estabelecer quais os possíveis sentidos eles sugeriam ao leitor quando lidos em conjunto.

**Quadro 1 - Quadro base das análises das unidades de significação**

Conjunto	Significados sugeridos pela imagem (texto visual)	Significados sugeridos pelo título	Significados sugeridos pelo texto	Significados sugeridos pela legenda	Interpretação do Conjunto Texto visual / Textos escritos
1					
2					
...					

Fonte: Elaborado pelos autores.

Devido às limitações de espaço, optamos por apresentar nesse artigo um quadro que sintetiza as informações do primeiro quadro, com as principais informações necessárias ao leitor, que segue abaixo.

**Quadro 2 - Análises sintéticas das unidades de significação**

Imagem	Descrição do Texto Visual	Sentidos que o Texto Escrito sugere	Interpretação do conjunto imagem/textos
1	Dilma Rousseff lança o Plano Brasil Sem Miséria ao lado do vice-presidente, Michel Temer, dos presidentes da Câmara e do Senado, Henrique Eduardo Alves e Renan Calheiros, e a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello.	ESPERANÇA de um futuro melhor a partir do combate à miséria.	Governo Dilma é bem-intencionado e tem uma agenda humanista.
2	Antônio Palocci cumprimenta sua sucessora na Casa Civil, Gleisi Hoffmann, em junho de 2011.	COMBATE à CORRUPÇÃO com o início da Faxina Ética em que demitiu 11 ministros.	Governo Dilma é bem-intencionado – combate a corrupção e promove uma faxina ética.
3	Prédio do Judiciário em Brasília.	TRANSPARÊNCIA.	Difundir a transparência até mesmo para o Judiciário, o menos transparente.
4	A presidente Dilma Rousseff se emociona ao se referir a vítimas de violência durante o regime militar no discurso após receber o relatório final da Comissão Nacional da Verdade.	JUSTIÇA e EMOÇÃO: Dilma comovida sugere que há um cunho pessoal nesse acontecimento	Há uma contradição entre três e quatro – Dilma não é transparente.
5	Área desmatada no Centro-Oeste.	ECOLOGIA: Preocupação com a Amazônia – combate ao desmatamento Amazônia.	Governo Dilma é bem-intencionado – combate o desmatamento na Amazônia.
6	Imagem de arquivo secreto sobre Dilma Rousseff.	SURPRESA, ESPIONAGEM Internacional.	Dá continuidade ao não alinhamento com os Estados Unidos. Independência.

7	Manifestantes atacam o Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, durante protesto de 2013 em Brasília.	CRISE no governo, ENFRAQUECIMENTO do poder e SURPRESA.	Ouve as massas e faz promessas, mas cumpre apenas o Mais Médicos. Enfraquecimento do poder.
8	Dilma Rousseff, o médico cubano Juan Delgado e o então Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, durante sanção da lei que institui o Programa Mais Médicos. Ela pediu desculpas ao cubano, que foi hostilizado em Fortaleza.	POLÊMICA e Preocupação com Saúde Pública: ao mesmo tempo que demonstrou interesse em diminuir os problemas com a Saúde Pública, o governo adotou uma atitude polêmica que contribuiu para a perda de apoio por parte da sociedade brasileira.	Governo Dilma é bem-intencionado, mas também polêmico.
9	Dilma participa de cerimônia de sanção da lei que destina recursos dos <i>royalties</i> do petróleo para educação e saúde, no Palácio do Planalto.	Preocupação com a EDUCAÇÃO (e SAÚDE).	Governo Dilma é bem-intencionado, mas também é polêmico.
10	Votação do Marco Civil da Internet na Câmara.	REGULAÇÃO e RESPONSABILIDADE.	Governo Dilma é bem-intencionado, mas também polêmico – regula a internet.
11	Imagem de Dilma em um estádio de futebol, com os dedos cruzados. Ao seu lado, Temer, Renan Calheiros e outros políticos engravatados.	IMPOPULARIDADE, ENFRAQUECIMENTO do poder, DESCONFIANÇA com relação aos desvios de dinheiro público e superfaturamento nas obras dos estádios.	Dilma é enquadrada no centro da imagem, o que representa seu poder, o texto, entretanto, trata da sua impopularidade e do fracasso que a Copa do Mundo no Brasil significou para seu governo, o que pode sugerir que ela está no centro do fracasso.
12	Votação do Plano Nacional de Educação, em 2014, foi pressionado por movimentos estudantis.	FRACASSO, ENFRAQUECIMENTO e POLÊMICA envolvendo o kit para combater a homofobia nas escolas públicas, que ficou popularmente conhecido como “kit gay”.	Governo Dilma é bem-intencionado, mas também polêmico: a imagem mostra grande presença estudantil no Congresso apoiando o PNE, um projeto ambicioso que não deu certo.
13	O juiz Sérgio Moro, responsável em primeira instância pela Operação Lava Jato.	DESCONFIANÇA com relação ao governo.	A Lava Jato desestabilizou de forma irreversível o governo Dilma, pois vinculou o PT e o seu governo com a corrupção, enfraquecendo seu poder.

14	Imagem de uma cartilha que procura explicar por que há desemprego.	CRISE e ENFRAQUECIMENTO de poder.	Após crescer nos três primeiros anos do seu governo, Dilma teve que enfrentar uma das maiores recessões da história brasileira (crise e perda de poder) com encolhimento da economia, desemprego e juros altos.
15	Imagem de Aécio Neves (PSDB) cumprimentando Dilma Rousseff (PT) antes do início de um debate eleitoral em 2014.	Crise política e econômica, DISPUTA, DESCONFIANÇA, mas VITÓRIA (PODER).	A vitória de Dilma nas eleições presidenciais mais disputadas demonstrou que apesar da crise política e econômica, o povo confiava no seu governo.
<b>2º Governo</b>			
16	Novos protestos tomaram as ruas ao longo de 2015 e 2016 contra e a favor do seu governo.	CRISE, ENFRAQUECIMENTO do poder.	Com o agravamento da crise econômica, novos protestos tomaram as ruas do Brasil, alguns pedindo o impeachment e outros defendendo sua permanência. Maior reprovação de um presidente da República, superando os 68% de reprovação de Collor, na véspera de seu impeachment.
17	Imagem de Augusto Nardes, ministro relator no TCU do julgamento das contas de Dilma de 2014.	CRISE Administrativa DESCONFIANÇA, falta de transparência, desonestidade, manipulação.	O TCU recomendou a reprovação das contas do governo Dilma de 2014, acusando-a de ter desrespeitado a Lei de Responsabilidade Fiscal.
18	Imagem do então Presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), quando anunciou o rompimento com o governo Dilma.	CRISE política. ENFRAQUECIMENTO do poder.	Em julho de 2015, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), anunciou seu rompimento formal com o governo, agravando a crise política. O embate resultou no aceite do pedido de impeachment por Cunha. A relação com Temer também se deteriora.
19	Dilma levanta a mão de Lula em um gesto simbólico já repetido anteriormente durante a campanha à presidência.	DESCONFIANÇA, desonestidade, falta de transparência, POLÊMICA.	A polêmica nomeação de Lula e o posterior vazamento do áudio entre Lula e Dilma teve repercussões negativas tanto para um, quanto para o outro. No fim, o STF barrou a nomeação.

<b>20</b>	Imagem que retrata uma grande aglomeração de pessoas próximas ao Congresso Nacional.	CONDENAÇÃO e PERDA de poder.	Dilma foi julgada nas duas casas e condenada, sendo afastada definitivamente do cargo.
-----------	--	------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a produção do quadro, foi possível perceber mais claramente que as primeiras dez imagens e seus respectivos textos (2/3 do primeiro mandato), a princípio, tendem a afirmar aspectos positivos realizados pelo governo Dilma. Nesse momento, os temas humanistas receberam destaque: combate à miséria, faxina ética, transparência, proteção à Amazônia, independência dos Estados Unidos, preocupação com a saúde da população, educação e liberdade, ou seja, uma agenda tipicamente progressista.

Mesmo nesses dez conjuntos de imagem e texto – principalmente no texto – é possível notar uma certa “negatividade” sobre seu governo, como se pode perceber na análise do conjunto sete (mais à diante). Essa percepção nos leva a inferir que, mesmo nesse momento em que o governo estava bem avaliado, o site entende/sugere que há uma “sombra” que se insinua sobre esses fatos positivos.

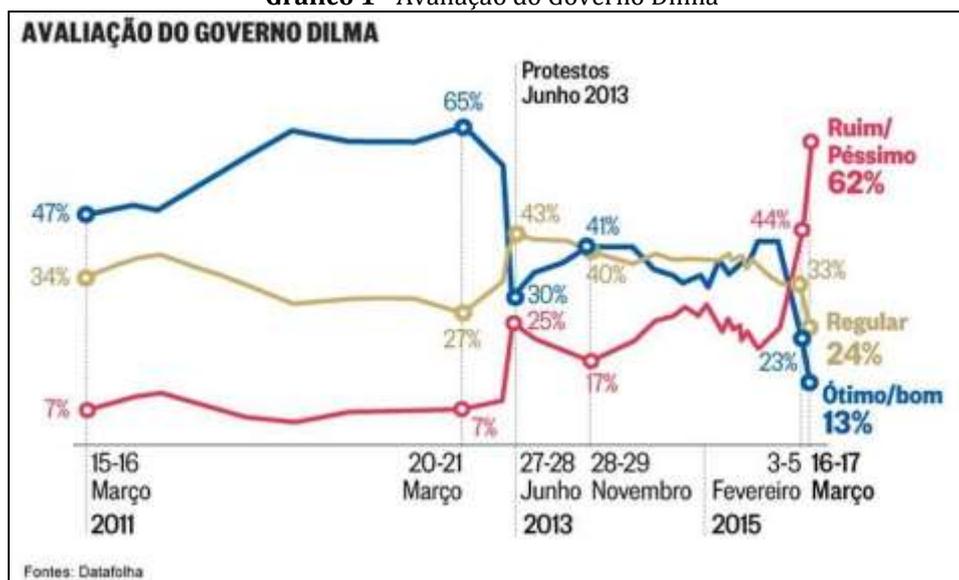
No conjunto quatro, por exemplo, cujo título é Comissão Nacional da Verdade, o texto afirma que a ex-presidente não criou essa comissão por motivos pessoais, mas a sua foto emocionada associada a esse texto contradiz essa afirmação. A caracterização de Dilma como uma pessoa emotiva será vista também em outras imagens do conjunto.

No conjunto cinco, a aprovação do novo Código Florestal é apresentada pelo G1 como uma conquista importante do governo Dilma Rousseff em 2012, entretanto, em uma matéria produzida pela Reuters veiculada no seu site no final de abril de 2012, o novo Código Florestal foi considerado uma derrota do governo para a bancada Ruralista que teria conseguido fazer prevalecer seus interesses (MARCELLO, 2012). A mesma percepção pode ser vista na retrospectiva do site UOL relativo ao segundo ano do governo Dilma (MOTOMURA, 2012). Consideração semelhante deve ser feita ao grupo nove, referente à votação do projeto que alterou as regras de distribuição dos *royalties* do petróleo no país. A retrospectiva do site UOL também tratou desse assunto como uma derrota do governo.

Desse grupo de imagens correspondente ao primeiro mandato, vale a pena destacar também o conjunto sete e o nove (Figura 4). O primeiro porque faz referência a um fato decisivo para a queda de Dilma Rousseff e destoa da agenda positiva que vinha sendo construída até então na narrativa do G1: as manifestações (ou jornadas) de junho e julho de 2013. Naquele momento, Dilma possuía um dos maiores índices de aprovação que um

presidente do Brasil já obteve e foi surpreendida, como a maioria dos acadêmicos e analistas políticos, por manifestações de desagrado com a corrupção, com o aumento da passagem de ônibus, entre outros temas como se pode ver no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Avaliação do Governo Dilma



Fonte: Farah (2015).

No conjunto nove, cujo tema são os *royalties* do petróleo que seriam destinados à educação e saúde, Dilma é enquadrada visualmente no meio de um grupo de homens sérios e engravatados, fazendo um coração com suas mãos e com uma expressão alegre. É sugerido uma oposição entre os homens sérios (“eles” não riem) que se vestem com ternos e gravatas e a mulher emocional e infantilizada que foi vista no conjunto quatro e se repete no conjunto nove.

No conjunto onze, cujo tema é a Copa do Mundo, Dilma será vista novamente entre os “engravatados”, Temer e Renan Calheiros, fazendo “figa” – algo que não pertence ao campo do “racional”. Além de vaiada durante a abertura da Copa, como é informado pelo texto, foi chamada por muitos de “pé-frio”, devido à derrota humilhante da seleção brasileira no estádio do Mineirão. Nesse conjunto o texto retoma um tema que foi decisivo para o enfraquecimento da sua aprovação popular: o desvio de dinheiro público e o superfaturamento nas obras dos estádios – tema também abordado no conjunto sete.

O outro grupo é formado apenas por cinco imagens que pretendem ser um (breve) resumo do segundo mandato. Nesse grupo vale a pena destacar os conjuntos dezesseis,

dezessete e dezoito. A imagem do conjunto dezesseis é dividida ao meio, com pessoas de camisa vermelha no lado direito e de camisa verde-amarela do lado esquerdo (uma inversão curiosa).

Nessa imagem se percebe a polarização que também está no título: manifestações pró e contra Dilma. O texto desse conjunto, entretanto, dá a entender que as manifestações “contra” foram mais relevantes, afirmando que 3,6 milhões de brasileiros tomaram as ruas pedindo o impeachment – segundo o texto, a maior manifestação da história recente do país. Esse conjunto ajuda a sustentar a ideia de que foi a vontade do povo que levou à instalação do impeachment.

Esse conjunto representa a tensão que Dilma passou a viver no segundo mandato e a queda da sua popularidade a níveis baixíssimos, e retoricamente oferece legitimidade para o impeachment – não foi apenas um golpe articulado no congresso, mas um desejo dos brasileiros que foram às ruas pedir por isso.

Os conjuntos dezessete e dezoito (Figura 4) apresentam aqueles que teriam participação decisiva no processo do impeachment, Augusto Nardes, Ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) e Eduardo Cunha, Presidente do Congresso, além do conjunto 16, que apresenta manifestações de apoio e repúdio ao governo de Dilma Rousseff.

No conjunto dezoito, a imagem de Cunha contribui para o desqualificar como personagem dessa narrativa do impeachment. Ele é enquadrado de tal maneira que seus olhos estupefatos sugerem um certo ar de espanto ou loucura. O fundo desfocado em que predomina a cor vermelha ao somar-se com sua expressão lhe confere um ar diabólico. O texto entre aspas, que deixa claro tratar-se de uma declaração sua, anuncia que ele rompeu com o governo – o que provocou um grande impacto na governabilidade de Dilma.

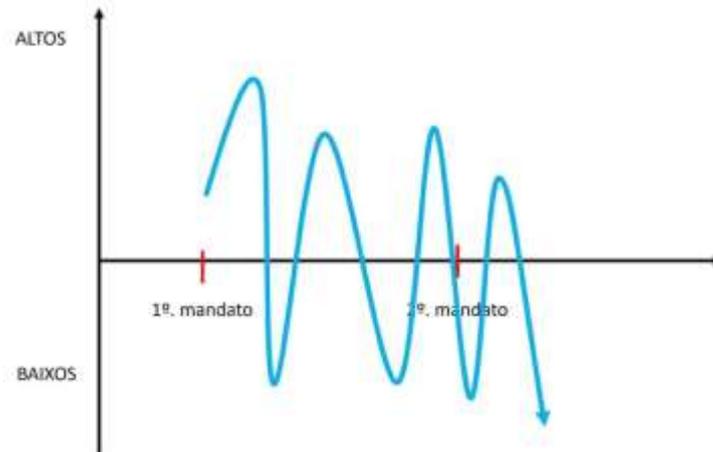
Cunha é um personagem importante porque muitos consideram que o impeachment só se realizou devido a essa briga. Essa “briga” não tinha somente aspectos de simpatia/antipatia, mas estava relacionada às investigações sobre Cunha na Lava Jato.

## 7 Considerações iniciais

A escolha das fotografias e dos textos associados às imagens que compuseram cada um dos conjuntos analisados faz parte dos procedimentos reguladores utilizados pelos meios de comunicação e contribuiu para criar um enquadramento sobre o governo Dilma, veiculado pelo G1 em agosto de 2016. O texto introdutório anuncia os vinte fatos que representariam os

altos e baixos do governo, o que dá a entender que há uma oscilação na atuação do governo durante todo período, podendo sugerir que haveria alternância entre eles. Graficamente, poderia ser assim traduzido:

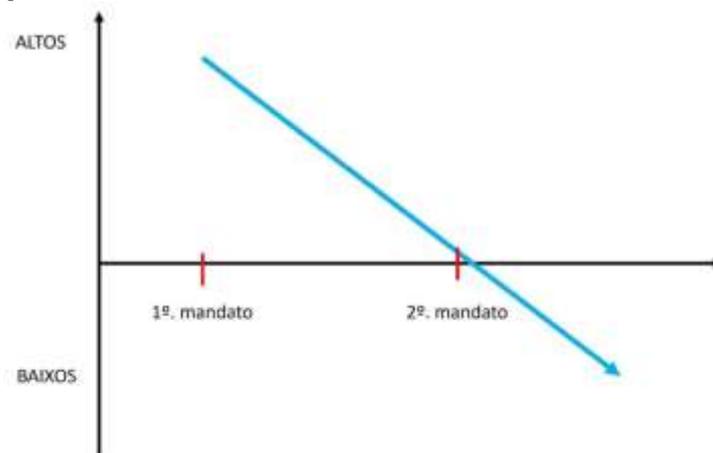
**Gráfico 2** - Desempenho do Governo Dilma nos dois mandatos como é anunciado pelo texto introdutório



Fonte: Elaborado pelos autores.

Entretanto, a distribuição das imagens e textos ao longo das vinte imagens narrou que os “altos” estavam localizados no seu primeiro mandato, principalmente no início, enquanto os “baixos” aconteceram no seu último mandato. Em vez de uma oscilação, haveria um decréscimo, sugerindo a ideia de decadência, de queda, como no gráfico abaixo:

**Gráfico 3** - Desempenho do Governo Dilma nos dois mandatos de acordo com a retrospectiva do G1.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebemos que o enquadramento veiculado pelo portal das organizações Globo não está de acordo com o título, pois sugere que Dilma foi perdendo poder ao longo do seu mandato, até não ter mais poder nenhum e sofrer o impeachment, o que não é o correto. Se, por um lado, é fato que a economia veio caindo gradativamente desde o início do seu governo, assim como seu poder no Congresso e na Câmara dos Deputados, por outro, o apoio ao seu governo aumentou em diversos instantes a partir do momento em que o presidente da Câmara dos Deputados aceitou o pedido de impeachment.

Além do apoio de Lula, que já vinha sendo esboçado desde pouco antes de ele ser conduzido coercitivamente pela polícia federal, o PT também voltou a se posicionar ao seu lado alguns meses antes de o impeachment ser aprovado na Câmara. Houve ainda muitas manifestações de apoio de ONGs e de movimentos sociais, entidades de classe, conselhos, sindicatos, associações, organizações voluntárias, de modo que, quando foi destituída no final de agosto de 2016, ela possuía grande apoio da sociedade civil<sup>2</sup> (apesar de não o ter no congresso) – uma situação bem diferente de Fernando Collor de Mello, por exemplo, que já não possuía qualquer apoio no momento do seu impeachment em 1992.

Dentre os elementos convencionalmente elencados para explicar a queda da ex-presidente que não foram abordados pelo site G1, vale a pena destacar o seu distanciamento do PT – principalmente após a nomeação de Joaquim Levy para o Ministério da Economia – e a frustrada tentativa de afastar o PMDB do poder (ou, pelo menos, de diminuir sua influência no governo) – que culminou com o rompimento com Eduardo Cunha e o consequente esvaziamento da capacidade de negociação do governo na Câmara dos Deputados. Além desses acontecimentos políticos, seu gênio “forte” e sua falta de prática política podem ter contribuído para que ela não conseguisse evitar a aprovação do seu impeachment na Câmara dos Deputados – exatamente o que Temer fez (por duas vezes) no seu mandato (WESTIN, 2017).

Considerando que na constituição de uma retrospectiva é inescapável fazer escolhas e que essas escolhas não são inocentes, isso nos leva a questionar quais seriam os interesses que teriam guiado os enquadramentos propostos pelo site G1 para sintetizar o governo Dilma. Nesse caso, uma hipótese possível é a de que as Organizações Globo não estavam interessadas em polemizar mais naquele delicado momento político, por isso o site G1 deixou de fora aspectos que poderiam comprometer a idoneidade da ex-presidente. Ao evitar ir

---

<sup>2</sup> Em 2015, houve manifestações em todo o país contra o “golpe” e a favor de Dilma Rousseff: nos dias 13 março, 7 abril, 20 de agosto e 16 dezembro. No ano seguinte, também houve uma grande manifestação pró-Dilma em 19 de março.

contra um senso comum estabilizado de que Dilma era uma pessoa honesta, pretendiam que sua narrativa não sofresse muitas contestações, facilitando sua assimilação e estabilização, consolidando as Organizações Globo como uma instância produtora e legitimadora da “verdade”.

## 8 Considerações finais

Nesse artigo, utilizando conceitos vinculados ao pensamento de Louis Quéré, Michel Foucault e Roland Barthes, analisamos a narrativa divulgada pelo site G1 sobre o Governo Dilma, buscando compreender melhor como ela está situada nas disputas de sentido e jogos de poder que envolvem a interpretação dos recentes acontecimentos da política brasileira.

Sinteticamente, a narrativa apresentada pelo site G1 afirma que Dilma Rousseff, no período em que esteve à frente do governo do Brasil, foi uma presidente bem-intencionada, que desejava transparência no seu governo e possuía uma agenda progressista. Segundo esse enquadramento, apesar dessas boas intenções, ela teria falhado no seu objetivo, especialmente no seu segundo mandato, não conseguindo realizar o que havia prometido.

Os vários anos de governo e as implicações das suas atitudes na economia e política nacionais não podem ser representados completamente em vinte fatos porque, como qualquer representação da realidade social, por ser mediada pela linguagem, é necessariamente incompleta e parcial (BECKER, 2009). Se analisarmos todas as representações sobre o governo Dilma veiculadas desde 2016 na mídia (tradicional e redes sociais), é provável que elas sejam diferentes entre si e, é certo que nenhuma delas será suficiente para retratar a “verdade” sobre seu governo ou sobre a própria presidente.

Apesar dessa impossibilidade, as retrospectivas sobre o governo Dilma veiculadas pelos meios de comunicação têm um importante papel na disputa “pela determinação da verdade” ou, ao menos “em torno da verdade” sobre esse governo – entendendo-se mais uma vez que por verdade não queremos dizer o conjunto das coisas verdadeiras, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso” (FOUCAULT, 2006, p. 13).

Daí a necessidade de análises como essa aqui apresentada que, junto com outras, vai ajudar a entender como se formou o consenso sobre o governo de Dilma Rousseff, contribuindo para o arcabouço de análises sobre esse governo, sua imagem, as representações da política brasileira, valores e discursos em jogo nesse momento histórico. Como qualquer artigo, possui limitações. Uma delas é que investiga um acontecimento recente, que ainda está em curso, e sobre o qual há vários sentidos consensos em disputa.

Essa limitação também pode ser pensada como uma característica positiva, na medida em que nos permite acompanhar o desenvolvimento de um consenso na sociedade brasileira, mais especificamente, como vem sendo produzidas as representações sobre o governo Dilma, a imagem que foi consolidada sobre a ex-presidente, e os valores e discursos acionados nesse processo.

A principal limitação, no entanto, é que a análise trata apenas de uma das diversas retrospectivas produzidas e disponibilizadas pelas várias mídias a partir de 2016. Mesmo essa análise sofreu estrangimentos relacionados ao espaço disponível para apresentar nossas observações e comentários, como também não foi possível, por questão de escopo e de espaço, alargar a discussão teórica acerca das relações entre narrativa e acontecimento. De qualquer modo, nossa intenção foi chamar atenção para a característica nada pacificada dos acontecimentos envolvendo o impeachment/golpe.

Sabemos que esse consenso sobre o governo Dilma está longe de ser definitivo e pacificado, podendo sofrer modificações em um momento histórico posterior por meio de rememoração e reconstrução de acordo com as forças de poder dominantes nesse período. A construção desse novo consenso não se dará apenas a partir de uma atualização promovida pelos meios de comunicação tradicionais, mas também por meio de influência de outras instituições socialmente legitimadas como a escola, universidades e redes sociais. Isso exige dos pesquisadores um trabalho quase infinito de análises para acompanhar a evolução e estabilização desses consensos, bem como para compreender o que se pode inferir a partir dessas mudanças.

## Referências

ALMEIDA, Rodrigo de. **À sombra do poder: bastidores da crise que derrubou Dilma Rousseff**. São Paulo: Leya, 2016.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. **Dilmês: idioma da mulher sapiens**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

BABO-LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. **Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 85-94, 2005.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. *In*: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-43.

BECKER, Howard Saul. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Tradução de Maria Luiza Xavier de Almeida Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOLLE, Mônica Baugarten de. **Como matar a borboleta azul**: uma crônica da era Dilma. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

CARTA CAPITAL. Barroso: 'Não há dúvida de que Dilma não foi afastada por crime de responsabilidade ou corrupção'. **CartaCapital**, São Paulo, 5 jul. 2021.

FARAH, Tatiana. Datafolha: 62% reprovam o governo Dilma. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 mar. 2015.

FIÚZA, Guilherme. **Não é a mamãe**: para entender a Era Dilma. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FIÚZA, Guilherme. **Que horas ela vai?** O diário da agonia de Dilma. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; SILVA, Terezinha; VAZ, Frances. Enquadramento (verbetes). In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)**: trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014. p. 134-140.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FREIXO, Adriano de; RODRIGUES, Thiago (org.). **2016, o ano do golpe**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PATRIOLINO, Luana. Barroso admite que impeachment de Dilma ocorreu por motivações políticas. **Correio Brasiliense**, Brasília, 3 fev. 2022.

POLATO, Amanda; ALVES, Cida; SAMPAIO, Lucas. Governo Dilma em 20 fatos. **G1**, São Paulo, 31 ago. 2016. Política.

POZZEBOM, Fabio Rodrigues. Governo Dilma em 20 fatos. **G1**, São Paulo, 31 ago. 2016. Política.

MARCELLO, Maria Carolina. Câmara aprova Código Florestal e impõe derrota ao governo. **G1**, Brasília, 25 abr. 2012.

MOTOMURA, Marina. Retrospectiva 2012: segundo ano de Dilma tem recorde de popularidade, apesar de avanços discretos. **UOL**, Brasília, 14 dez. 2012.

NUNES, Jordão Horta. A sociologia de Goffman e a comunicação mediada. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 19, n. 2, p. 253-258, nov. 2007.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

QUÉRÉ, Louis. L'espace public comme forme et comme événement. *In*: JOSEPH, Isaac (org.). **Prendre place: espace public et culture dramatique**. Paris: Recherches, 1995.  
SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

SEKULA, Allan. Sobre a invenção do significado da fotografia. *In*: TRACHTENBERG, Alan (org.). **Ensaio sobre fotografia de Niépce a Krauss**. Lisboa: Orfeu Negro, 2013.

SINGER, André. **O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

WESTIN, Ricardo. **A queda de Dilma: os bastidores do impeachment que desprezou as lições políticas de Maquiavel**. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

## A retrospective in 20 images: the representation of the Dilma government by the G1 website

### Abstract

This article aims to analyze the synthesis of the Dilma government made available by the Globo news portal - G1, from August 31, 2016. When studying this retrospective, we are not limited to understanding its formal or structural meaning, but we also focus on detecting the narrative strategies proposed by the site in order to better understand the meanings in dispute, as well as the complex power relations that are part of this dispute. To support our analyses, we used a method based on Erwin Panofsky's propositions that incorporates, according to Barthes' propositions, the study of captions and titles associated with the selected images. To reflect on the results found, we invoked the concepts of Event, developed by Louis Quéré, and of Framing, proposed by Erwin Goffman; together with the notions of Discourse and Truth arising from the work of Michel Foucault; as well as ideas about photography by Alan Sekula, Roland Barthes and Susan Sontag.

## Keywords

Dilma; framework; impeachment; retrospective

## Autoria para correspondência

Andre Melo Mendes  
andremelomendes@hotmail.com

## Como citar

MENDES, André Melo; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Uma retrospectiva em 20 imagens: a representação do governo Dilma pelo site G1. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, e-123046, jan./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583202253.123046>

Recebido: 24/03/2022

Aceito: 30/08/2022

Copyright (c) 2022 André Melo Mendes, Carlos Magno Camargos Mendonça. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

